

**Homilia do P. Geral, Arturo Sosa, na Eucaristia final do 1º.  
Congresso Internacional de Delegados de Educação da  
Companhia de Jesus – JESEDU Rio2017  
Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2017**

Lucas, evangelista, cuja festa celebramos há dois dias, tem o cuidado de indicar a quem Jesus se dirige quando fala. No texto que acabamos de ouvir (Lc 12,1-7), ele aborda sucessivamente seus discípulos e *os milhares de pessoas que se reuniram, a ponto de uns pisarem nos outros.*

Sem dificuldade, podemos nos identificar com ambos grupos:

- Somos parte da multidão atraída pelos sinais que acompanham a presença de Jesus e interessada em ouvir a Palavra do Senhor.
- Também nos sentimos seus discípulos. Contemplando-O, temos aprendido um modo de vida, um modo de ser pessoas humanas.

Por isso nos reunimos hoje em torno da mesa do Senhor para:

- Agradecer de coração a Deus por ter nos convidado.
- Alimentar o nosso caminho com a sua palavra, fortalecer a comunhão com Ele e entre nós.

Para a multidão, para todos os seres humanos, para nós, Jesus adverte que o medo da morte escraviza.

- A carta aos Hebreus (2,14-18) expressa-o com grande clareza. *Jesus também participou desta condição, para destruir por sua morte aquele que detém o poder da morte... e para libertar todos os que, durante a vida inteira, estavam debaixo da escravidão por medo da morte.*
- Perder o medo da morte nos liberta para, com toda a nossa confiança no Deus da Vida, podermos entregar a própria vida para que todos tenhamos em abundância (Jo 10,10).

A seus discípulos, e a nós também, Ele nos adverte como libertar-nos de outra morte:

- Jesus a chama *fermento dos fariseus*, ou seja, hipocrisia.
- Morremos quando aparecemos o que não somos; ocultamos as próprias debilidades e incoerências detrás de um papel. No evangelho, fala-se dos fariseus, ministros de culto, mas igualmente pode-se entender qualquer outro papel, por exemplo, o de educador.
- Sabemos que o fermento é usado em poucas quantidades para fermentar uma boa quantidade de massa. Basta um pouquinho de hipocrisia para levar nossa vida pelo caminho do engano e da opacidade frente aos outros, que acaba sendo autoengano e

incapacidade de reconhecer a própria realidade com suas fraquezas e incoerências.

A coerência da vida e a transparência são o modo de livrar-se do *fermento dos fariseus*.

- A coerência da vida não se alcança só com base na vontade. Requer também fé, e muita fé. Quanto mais fé, melhor.
- O voluntarismo conduz à direção contrária. Leva a concentrar-se em si mesmo, na autossuficiência enganosa e na dificuldade de reconhecer as próprias falhas.
- Será o C de coerência, o quinto C que podemos adicionar ao nosso paradigma educacional?
- Além da consciência, competência, compaixão e compromisso, também precisamos de coerência para que todos possam ver a vida que temos dentro, para que não haja nada escondido, para que resplandeça a verdade.

No trecho da carta aos Romanos que lemos na liturgia de hoje (Rom 4,1-8), São Paulo toma o exemplo de Abraão para nos explicar como a fé nos leva à transparência e à coerência de vida.

- Abraão crê, põe-se a caminho, deixa o que lhe dá segurança, para estar livre e disponível para o que o Senhor inspira.
- Abraão sai de si mesmo para pôr-se nas mãos de Deus. Faz-se transparente e a sua coerência de vida ele a recebe gratuitamente como um dom da misericórdia e do perdão.

A espiritualidade inaciana convida-nos a seguir este caminho: reconhecer o Senhor como o único absoluto para recuperar a liberdade interior e colocar-nos à disposição do que mais convenha para levar uma vida coerente e transparente.

Peçamos ao Senhor, no final deste Congresso, que aumente a nossa fé.

- Para que percamos o medo e nos afastemos do *fermento dos fariseus*.
- Para confiarmos uns nos outros e atuar como um único corpo apostólico universal.

Nossa Senhora da Estrada nos acompanha nesta caminhada.